



**DINAH JEFFERIES**

BESTSELLER DO SUNDAY TIMES

# A Separação

«Cativante, poderoso e intenso.»

DEBORAH RODRIGUEZ

Autora bestseller

Um país em guerra.  
Uma família dividida.  
Um laço que nunca  
será quebrado...

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha mãe e a minha filha.*

# Prólogo

1931: *Weston-super-Mare, Inglaterra*

O homem alisou as patas do leão com uma esponja que mergulhara num balde de água. Tirou de seguida uma faca de uma bolsa de couro que levava à cintura. Ergueu o olhar para a multidão expectante, antes de curvar a cabeça e começar a afiar cuidadosamente as garras da criatura.

A menina, agachada a menos de meio metro, esticou o braço para tocar na juba do leão com as pontas dos dedos.

— Não! — gritou o homem, empurrando-a. — Ainda não.

A criança baixou a cabeça, envergonhada, mas depois olhou para trás e sorriu timidamente para a mulher que a olhava de pé, virando-se logo para manter os olhos no animal.

Uma rajada de vento levantou uma camada de areia, fazendo bailar e rodopiar milhares de grãos. O homem reagiu depressa, humedecendo a superfície da besta antes que se levantasse mais areia.

A mulher que observava tremeu de frio. O seu cabelo ruivo estava cortado curto, com uma ondulação Marcel para o manter aprumado e, sobre o vestido azul-claro com centáureas azul-escuras na modesta

bainha, vestia apenas um fino casaquinho de algodão branco para a proteger do frio repentino.

Uma vez satisfeito com o resultado final, o escultor fez uma vénia e passou um chapéu virado ao contrário pela multidão. A mulher escutou o tilintar das moedas e mergulhou a mão na bolsa.

O barulho de cascos de cavalos ressoava na calçada por trás da esplanada, mas não foram eles que chamaram a atenção da mulher. Os seus olhos estavam fixos na menina, agora ajoelhada e a recolher punhados de areia que reluzia como ouro prateado graças à luz pálida do Sol.

À medida que a movimentada multidão se dispersava, ao invés de murmúrios ou o som de gritos das gaivotas e das ondas do mar, o ar enchia-se do barulho do martelo a bater em metal. A mulher olhou para trás, para o que outrora fora o cais principal, com o seu elegante ferro forjado deformado pelo fogo. Sentiu o cheiro a berbigão em vinagre.

— Tens fome? — perguntou à criança.

A menina abanou a cabeça em negação. No leve rubor da criança havia alguma hesitação, uma incerteza que se revelava.

— E que tal um pau de alcaçuz?

A mulher ajoelhou-se junto à criança e aproximou-se. Perto o suficiente para cheirar a doçura do seu cabelo. Respirou fundo, e exalou pelos lábios que tremiam levemente. Levantou-se, sacudiu areia da bainha da sua saia floral e pegou na mão da menina.

— E se fizéssemos uma corrida?

Olharam uma para a outra e correram pela praia, pontapeando areia e conchas, tropeçando e escorregando até alcançarem a freira que as esperava.

No fundo, a freira não era insensível, e com um olhar afável tocou no ombro da mulher. Apenas um toque fugaz que garantia a suavidade da troca, sem lágrimas e com as emoções estrangidas. A criança inclinou a cabeça para trás e virou os seus olhos cor de avelã para as duas mulheres, e em seguida para lá delas, onde as bandeiras vermelhas e azuis se alinhavam com a extensão arenosa da baía.

Para a mulher, o dia começara com entusiasmo e uma sensação de júbilo. Agora o dia quase chegava ao fim, e não conseguia largar o

olhar do corpo angular e magro da criança. Afagou o cabelo castanho-avermelhado da menina e gravou o momento na memória.

Mas para a criança seria diferente. À medida que a memória *dela* recuasse e se misturasse com o passado, surgiria a dúvida: se o dia, o leão e a mulher não teriam sido só fruto da sua imaginação. Iria procurar captar os detalhes de um tempo que já não podia ser recuperado. Haveria ressonância: um vestido, um sorriso. Apenas isso. E a mulher continuaria a reprimir a sua tristeza.

— Anda daí — disse a freira, pegando na mão da criança.  
— Temos de apanhar aquele elétrico para chegarmos a tempo à estação de comboios.

A mulher do vestido azul afastou-se, olhando para trás para contemplar o leão de areia dourada, com a consciência de que a maré vindoura em breve o destruiria.



1955: *Malásia Britânica*

Não me conseguiam ver debaixo da palafita. No entanto, eu espiava-as. A nossa *Amah*<sup>1</sup>, e a Fleur, minha irmã mais nova. Ouvi sandálias no pátio — *clap clap* — e os soluços da Fleur enquanto corria. Em seguida, o sibilar do seu velho coelho rosado, arrastado pelas orelhas pelo caminho de pedras.

Surgiu então a estridente voz chinesa da *amah*.

— Vem já para aqui, menina. Estragar coelho. Andar com ele assim.

— Não quero saber! Não me quero ir embora — gritou a Fleur.  
— Gosto de cá estar.

— Eu também — murmurei, sentindo o odor de uma mistura de lagartos e aranhas mortos. Não me fazia espécie.

Para lá do meu esconderijo terrestre e do jardim, havia um prado aonde ninguém se aventurava. Mas também isso não me metia medo.

Do que *tinha* medo era de partir.

Mais tarde, quando o céu se tornou cor de lavanda, o papá apontou para a mesma paisagem. Agora, numa varanda no andar de cima,

---

<sup>1</sup> Ama, em Malaio. [N. do T.]

com uma cerveja *Tiger* na mão, ele olhava para além do prado e das colinas. Para Inglaterra.

— Lá nunca está calor em janeiro — disse ele, a falar para si próprio enquanto esfregava o queixo. — Com um vento gelado que nos fere as maçãs do rosto. Não é como aqui. Não é nada como aqui.

— Papá?

Observei o seu rosto ossudo, a grande maçã de Adão e a linha estreita da sua boca. Engoliu em seco, a maçã de Adão ergueu-se e caiu, e os seus olhos voltaram-se para mim e para a Fleur, como se tivesse acabado de se lembrar de nós. Esboçou um pequeno sorriso e apertou-nos.

— Vá lá, minhas filhas. Não é preciso esse ar miserável. Vamos ter uma vida ótima em Inglaterra. Gostas de te pendurar nas árvores, não gostas, Em?

Assenti com a cabeça.

— Bom, sim, mas...

— E tu, Fleur? — interrompeu. — Há lá muitos riachos para dares ao pedal.

A boca da Fleur continuava voltada para baixo. Captei o seu olhar e fiz má cara; para mim, aquilo parecia-se demasiado com a selva.

— Vá lá — disse o nosso pai. — Já és crescidinha, Emma. Já tens quase 12 anos. Dá o exemplo à tua irmã.

— Mas, papá — tentei dizer-lhe.

Ele encaminhou-se para a porta.

— Emma, está decidido. Escolhe os livros que queres levar. Isso vai manter-te ocupada. Mas leva só alguns. Vem comigo, Fleur.

— Mas, pai.

Quando ele viu as lágrimas nos meus olhos, parou.

— Vais adorar, caso seja isso o que te incomoda. Prometo.

Sentia-me a arder, e pensar na minha mãe fez-me recuperar o fôlego.

Ele abriu a porta.

— Mas, pai — clamei, enquanto ele e a Fleur saíam —, não vamos esperar pela mamã?

## 2

**L**ydia largou a sua mala poeirenta. No pátio, as bicicletas das filhas estavam abandonadas ao lado do jacarandá.

— Emma, Fleur — clamou ela. — A mamã já chegou.

Saiu do pátio e observou o caminho de pedras que dava para o campo de erva alta. À medida que o céu escurecia, uma traça gigante, vinda das margens da selva, atingiu-a na face. Sacudiu-a, esgueirando-se para dentro de casa, para escapar à chuva que se adivinhava.

— Alec? — Voltou a chamar. — Já cá estou.

Recordou-se dos belos traços do marido, o seu cheiro a sabonete do mercado chinês, o cabelo castanho-claro curto dos lados. Não houve resposta.

Repeliu uma pontada de desilusão naquela casa demasiado silenciosa. Enviara um telegrama, tal como o marido pedira; por isso, onde estava a sua família? Fazia demasiado calor para terem ido passear. Estariam porventura na piscina, ou talvez o Alec tivesse levado as meninas para tomar chá no clube?

Subiu as escadas rumo ao quarto, olhou para uma fotografia de Emma e Fleur na mesinha de cabeceira, e sentiu um grande desejo de amor. Tinha saudades delas.



Depois de se despir, percorreu com os dedos o seu cabelo castanho-avermelhado, à altura dos ombros, e ligou a ventoinha. Cansada da viagem, e de um mês a cuidar de uma amiga doente, precisava mesmo de um banho. Abriu as portas do armário, parou e franziu a testa. Susteve a respiração — não estavam lá as roupas de Alec. Depois de vestir o seu quimono, rumou descalça ao quarto das filhas.

Alguém deixara o armário delas aberto, e viu logo que estava praticamente vazio. Apenas uns pares de calções mal dobrados na prateleira de cima, e papel amarrotado na de baixo. Onde estavam as roupas?

*E se*, pensou ela, mas a frase morreu-lhe na garganta. Estabilizou a respiração. É o que os homens da selva querem. Assustar-nos. Imaginou o que diria Alec: *Cabeça erguida. Não os deixes vencer*. Mas como nos deveremos sentir quando eles atiram uma granada a um mercado repleto de gente?

Virou-se quando ouviu um clamor e correu para a janela. Para sua desilusão, eram apenas os morcegos pendurados na árvore.

Com uma mão no coração, deslizou os dedos sob o papel de forro amarrotado no armário e tirou um dos cadernos de Emma, na esperança de encontrar uma pista. Sentou-se na arca de cânfora, fungou o cheiro reconfortante e familiar, e abraçou o caderno. Respirou fundo, e em seguida abriu o caderno para ler:

*A matriarca é uma gorda de pescoço rechonchudo. O seu nome é Harriet Parrott. Tem olhos enrugados e um nariz amanteigado e brilhante que tenta esconder com pó de arroz. Desliza sobre pés pequenos em sandálias chinesas, mas usa saias compridas para que apenas possamos ver as pontas dos pés.*

Harriet. Teriam ido a casa de Harriet?

Parou abruptamente, segurou-se à ponta da arca, a recuperar de uma onda de calor e de pânico que lhe subia pelo corpo acima. Faltava muita coisa. Uma nota. Claro. Ele deve ter deixado uma nota. Ou uma mensagem com os criados.

Desceu dois degraus de cada vez, perdendo o equilíbrio, mergulhando nos quartos do andar de baixo: salas de estar, cozinha, copa,

o corredor coberto que dá para os aposentos diurnos dos empregados e os armazéns. Apenas restava um par de caixotes abandonados, tudo estava escuro e vazio, sem sinal dos empregados. Não havia rasto da cadeira de baloiço da ama, da cama de dia do cozinheiro e das ferramentas do jardineiro. Vasculhou o quarto: não havia nenhuma nota.

Escutou a chuva e, enquanto roía uma unha, puxou pela cachimónia, mal conseguindo raciocinar por causa de um ar tão denso que ameaçava subjugar-lá. Visualizou a sua viagem de regresso a casa, horas esbarrachada contra a janela emperrada do comboio com uma mão em concha sobre o nariz. O odor pungente a vômito de um menino indiano doente. Os tiros que se ouviam ao longe.

Curvou-se, sem fôlego, por causa da ausência deles. Tentava respirar. Aquilo não podia estar a acontecer. Estava exausta. Não estava a raciocinar bem. Tinha de haver uma explicação racional. Tinha de haver. Alec encontraria uma maneira de lhe dizer se tivessem de se ir embora. Não encontraria?

Andou às voltas e chamou pelos seus nomes, «Emma, Fleur». Reprimiu um soluço de pranto e imaginou o queixo com covinha de Fleur, os seus olhos azuis e o cabelo loiro com risco ao lado e com um laço. Em seguida, ao recordar as neblinas da selva que escondiam homens desesperados, o seu pior medo apoderou-se da pouca esperança racional que lhe restava. Havia suor a escorrer sob o quimono, os olhos começavam a arder e cobriu a boca com a palma da mão.

Com as mãos trementes, pegou no telefone para ligar ao patrão de Alec. Ele saberia o que acontecera. Dir-lhe-ia o que fazer.

Depois, sentou-se com o telefone ao colo. O suor enregelava-se-lhe na pele, as moscas zumbiam-lhe sobre a cabeça, ouvia-se o som da ventoinha a agitar-se, clique, clique, clique, e as vibrações das asas da traça contra o ar. O telefone não dava sinal.

### 3

**N**o táxi, a caminho do porto, não conseguia perceber como a mamã não chegara a casa a tempo de vir connosco, ainda que o meu pai tivesse dito que ela voltaria. Naquele último dia na nossa casa em Malaca, tive a esperança, até ao último segundo, de que ela chegasse a tempo. Corri várias vezes à janela para a trazer para casa, com o meu olhar.

O meu pai era inútil em questões domésticas, e uma vez que a minha mãe não estava lá para fazer as malas, ajudei a Amah na tarefa. Com os seus meros 8 anos, a Fleur só ia atrapalhar.

Em primeiro lugar, peguei no vestido cor-de-rosa de guingão que a minha mãe me fizera e pu-lo na mala. Com uma saia comprida e pequenas mangas de balão, era o único vestido que adorava. Chorei quando me tornei grande demais para ele e a Fleur passou a usá-lo.

O pai veio ao nosso quarto.

— Não vais precisar de vestidos de festa — disse ele.

— Não festejam em Inglaterra?

Ele suspirou.

— Tudo o que quero dizer é que deixes cá as roupas malaias. E temos mesmo de dar um passo em frente.

— O que vai acontecer às coisas que cá deixamos? Ponho-as no armário?

— Não é preciso. A Amah trata de tudo.

— Vamos por quanto tempo?

O meu pai aclarou a voz, mas não falou.

Entreguei o vestido à nossa *amah*, Mei-Lien, que o acrescentou à pilha crescente de coisas indesejadas.

— E as nossas roupas de cerimónia?

Ergui o vestido branco da Fleur, decorado com um galão vermelho e azul que agora lhe ficava pequeno.

Ele abanou a cabeça, mas esgueirei o meu estimado vestido de cerimónia com *Dandy* nas costas. Com um cavalo dourado e seis cavalos brancos gravados na parte da frente, era bom demais para ficar para trás.

— Onde está a Fleur?

A Amah apontou para o exterior.

— Presumo que esteja nas suas acrobacias — disse o pai. — Vocês safam-se sozinhas, não safam?

Assenti com a cabeça.

Ele estava prestes a ir embora, mas olhou para a minha cama e parou.

— O que é aquilo que tens ali?

— Escrevi à mamã. — Peguei no envelope para que ele o visse.

— Ah — disse ele, de sobranceiras erguidas. — É sobre o quê?

— De quanto sinto a sua falta, e que mal posso esperar por vê-la em Inglaterra.

— Está bem. Agora dá-me isso.

— Queria deixá-lo na mesa da entrada.

Ele levantou a mão.

— Não é preciso. Eu trato disso.

— Quero ser eu a fazer.

— Emma, já disse que trato disso.

Não tive outra hipótese.

— Linda menina — afirmou ele, virando-se para se ir embora.

— Papá, antes de ires — peguei no coelho da Fleur —, o que fazemos a isto? Ponho numa mala, ou a Fleur vai querê-lo na cabine?

— Pelo amor de Deus — disse ele —, não tenho tempo para pormenores sem importância. Vêm aí grandes mudanças, Emma, grandes mudanças.

Franzi as sobancelhas, com dúvidas. Parecia-me que as *grandes mudanças* já tinham acontecido. Há mais de três semanas. Foi quando tinham começado, tanto quanto sabia.

Estávamos a caminho de casa depois de um casamento. Era uma noite chuvosa e escura. Na festa, a minha mãe dançara com um vestido amarelo brilhante e uns sapatos de salto alto de pele de crocodilo. A mãe é mais nova do que o pai e é lindíssima, com uma adorável pele clara e olhos cor de avelã. O pai não dançou por causa do seu ferimento de guerra. Aquele que não parecia impedi-lo de jogar ténis, contudo. Uma vez, no carro, a mãe esfregou a testa com as pontas dos dedos, e eu soube logo que *ele* estava zangado.

— Mais devagar, Alec! — gritou a minha mãe. — Sei que estás chateado, mas vais demasiado depressa. O chão está escorregadio. Pelo amor de Deus, olha para a água.

Espreitei pela janela. Estávamos no sopé da montanha e a estrada transbordava de água.

Da parte de trás do carro, vi as veias salientes no pescoço dele, e reparei que um dos brincos de lagarto da mãe tinha caído quando ela tentara segurar o volante. Tentei dizer-lho, mas o carro afastou-se para o outro lado da estrada. Com o pé ainda no acelerador, o pai tentou colocar-nos novamente no lado certo da estrada, mas acelerou numa curva e teve de pôr o pé no travão.

O carro ultrapassou a berma com um estrondo, e ficou encravado numa vala de drenagem, junto a uma grande moita de bambu.

A voz da mãe soou áspera.

— Pelo amor de Deus, Alec. Passaste-te dos carretos. Vê-me bem a merda que fizeste.

Percebi que estávamos em apuros porque a minha mãe não dizia asneiras, exceto quando achava que não a podíamos ouvir, embora a tivesse ouvido dizer asneiras quando ambos tinham bebido demais.

Eu assimilava os sons, repetia-os baixinho, atrevendo-me a pronunciá-los cada vez mais alto e a encontrar palavras que rimassem.

Ouvi a mãe implorar ao pai.

— Não nos deixes aqui. E se houver um bloqueio de estrada?

— Ela parecia assustada, mas isso não o travou.

— Toma. Usa isso se for preciso — disse ele, atirando uma pistola para o lugar do condutor. — Emma. Cuida da Fleur.

Assim que ele se foi embora para procurar ajuda, a selva aproximou-se, ameaçadora, com folhas do tamanho de frigideiras, e nos ramos havia olhos que piscavam na nossa direção. A mãe virou-se e parou de soluçar, como se se tivesse lembrado da nossa presença de repente, com as nossas pernas nuas coladas aos quentes assentos de cabedal.

— Emma, Fleur. Estão bem?

— Sim, mamã — ambas dissemos, com a voz da Fleur mais assustada do que a minha.

— Está tudo bem, minhas queridas. O papá só foi procurar ajuda — Os seus olhos cintilavam sobre nós. Ela tentava fingir que tudo estava bem, mas eu suspeitava que não era verdade. Eu sabia dos terroristas na selva. Amarravam-nos a uma árvore, e decapitavam-nos logo. Em seguida, punham a cabeça numa estaca. Fechei os olhos, assustada perante a imagem de uma cabeça a sorrir para mim.

A mamã começou a cantarolar.

Em breve a escuridão cairia sobre nós e as estrelas surgiriam no céu, e tudo ficaria melhor. Apesar de, no que ao terror dizia respeito, a minha mãe não saber que eu já vira muito pior no museu da cera. A seguir às cabeças mirradas, havia uma secção *Proibida a Crianças*. Não fiquei. Apenas tempo suficiente para ver minúsculos modelos de cera de mulheres e crianças brancas, presas ao chão, ainda vivas, com as bocas vermelhas pintadas bem abertas num grito. Vinha, na sua direção, conduzido por um japonês, um enorme rolo compressor, como aqueles que se usam para nivelar o asfalto. Desta vez, porém, era usado para nivelar aquelas pessoas. Quando saí de lá, vomitei para dentro de um caixote de lixo.

Os japoneses eram maus. Pelo menos era o que os nossos pais diziam. Ainda que as pessoas na selva, aquelas a quem eles chamavam

terroristas, fossem chinesas. Eu não percebia nada. A nossa *amah*, Mei-Lien, era chinesa e eu adorava-a. Por que razão antes eram os japoneses os maus, e agora os chineses, embora só alguns? Não fazia sentido.

O nosso carro estava preso bem longe da estrada principal, quase no local onde se encontravam os bandidos. Mais adentro da selva, contudo, viviam os espíritos que comiam crianças. Contou-nos o nosso jardineiro, que tinha a boca vermelha por mascar bétel

— Se se perderem na selva, tenham cuidado com os *hantu hantuan* — disse ele. Estreitou os olhos de um modo assustador, mas era confuso, pois nunca nos contou qual era o seu aspeto.

— Emma, consegues mexer os braços e as pernas? — perguntou a mãe.

Mexi-os para mostrar que conseguia.

— Fleur?

A Fleur conseguia mexer os braços e a perna esquerda; no entanto, quando mexeu a direita, gritou.

— Deve estar dorida. Tira-lhe o sapato antes que inche, Emma.

Foi o que fiz, ainda que a Fleur se tenha debatido.

— Não gosto disto. Onde está o papá?

Disse-lhe que tinha de ficar calada e que o papá fora procurar ajuda. Ela fungou um pouco, fez alguns barulhos melosos e depois ficou quieta.

Era noite, mas à distância o som de uma explosão quebrou o silêncio.

— Mamã! — ambas gritámos.

— Chiu! Não foi aqui perto.

O céu tornou-se gradualmente castanho, e uma neblina branca começou a deslizar do topo da montanha. Mas não estávamos, pelo menos, propriamente nas montanhas. Pois *Ada bukit, ada paya*: onde há montanhas há pântanos. E estes engolem-nos inteiros.

O pai acabou por regressar com um camião blindado que regressava a Malaca. Tivemos de sair do carro, enquanto os soldados o tiravam da vala. Quando fomos para a cama, era muito mais tarde do que alguma vez nos tínhamos deitado.

\* \* \*

No dia seguinte, a mãe não nos foi buscar à escola. Foi o pai. Com uma cara de *não estou com paciência para perguntas*, ignorou-nos quando lhe perguntámos onde estava a mãe. Apenas dizia que íamos para Inglaterra.

Em casa, subimos as escadas à pressa para ver se lá estava a mãe. Não estava. Cheirava a citronela no exterior junto à janela do nosso quarto, e pensei no grande sorriso e no cabelo ondulado da mãe. Ela apanhava-o com uma estrelícia laranja, mas ao almoço caía tudo. E estava sempre a cantar, era até a primeira coisa que fazia de manhã.

— Anda lá, Em — disse a Fleur. — Ela não está cá. Vamos brincar lá fora.

Abanei a cabeça.

A Fleur foi fazer a roda para o exterior, sem mazelas no tornozelo. Ela costumava exagerar em tudo.

Pentei-me. O meu cabelo é mais encaracolado do que o da mãe, e mais ruivo. Cabelo selvagem, como diz a minha mãe. Em seguida, procurei o meu caderno debaixo da almofada. Além do caderno, porém, tirei também um envelope, destinado a mim e à Fleur. *Que sítio giro para se deixar uma carta*, pensei, enquanto abria o envelope. Li a carta.

*Queridas,*

*A Suzanne ligou hoje. Peço muita desculpa, mas tenho de a ir ajudar. Foi-lhe diagnosticada uma doença terrível e não é capaz de cuidar de si própria. O marido dela, o Eric, deve regressar do Bornéu daqui a um par de semanas, pelo que não devo ficar muito mais tempo do que isso. Tratem de vocês. Portem-se bem. O papá e a Mei-Lien sabem o que fazer em relação à escola. Podem ir de autocarro. Sei bem quanto vocês querem isso. Se precisarem de ajuda, digam à Amah que ligue à Cicely ou à Harriet Parrott. Os contactos estão no livro vermelho.*

*Com todo o amor,*

*Mamã*



Voltei a pôr o envelope debaixo da minha almofada, e saí para me esconder debaixo da casa.

Era o nosso último dia, mais de três semanas depois de a mãe se ter ido embora. Mesmo antes de partirmos para apanhar o barco, a Amah ainda arrumava roupa conveniente na nossa mala. Calças, roupa interior, uma ou duas camisolas. Eu não queria saber. O meu vestido festivo cor-de-rosa de guingão estava num monte de coisas indesejadas, e *eu* sentei-me na cama, a pensar na minha escola, a Holy Infant College. Junto a uma fila de palmeiras, estava pintada de branco, e havia anexos, sem vidro nas janelas. Apenas persianas de bambu que se fechavam quando íamos para casa.

Sentia-me triste. Não voltaríamos àquela escola, mas a minha maior tristeza era que, pelos vistos, não estaríamos em casa quando a minha mãe regressasse. Se isso acontecesse, ela regressaria a uma casa vazia. Agradava-me, pelo menos, a possibilidade de que lesse a minha carta.

A Mei-Lien pegou no meu uniforme escolar.

— Quê guardar?

Olhei para ele e abanei a cabeça.

— Não adianta.

— O papá dizer nós acabar agora arrumar. Não distração. Ir agora.

Peguei no uniforme, dobrei-o e pu-lo em cima do monte. Pus a nota da mãe na mala, esgueirando também uma moldura com uma fotografia dela, com os seus olhos cor de avelã todos enrugados. Por último, enfiei o coelho cor-de-rosa da Fleur. Se o levasse para a cabine, poderia perder-se, ou até acabar pela borda fora.

Volvida meia hora, partimos sem a mãe. Viera um camião para levar as malas, e um táxi para nos levar, a mim, ao meu pai e à Fleur. Ao sairmos de Malaca, olhei para o mar e abri a janela para cheirar as orquídeas selvagens. Era um cheiro agradável, mas tinha a mente cheia de dúvidas, tendo mesmo de beliscar a pele com força para conter as lágrimas.

# 4

**N**a vasta residência colonial, o criado malaio levou Lydia por um grande átrio com teto de vidro e um lustre de cristal. Uma imagem emoldurada da rainha enfrentava-nos quando entrávamos, o chão era de mármore axadrezado preto e prateado, e as paredes verde-claras eram ladeadas por mobília pesada. A formalidade, com a intenção de impressionar, punha-lhe o coração aos pulos.

O marido de Harriet Parrott, George, era Oficial de Distrito, ou OD, como era amiúde referido. A seguir ao cargo de Comissário, era a posição mais elevada que se podia deter na Administração Britânica da Malásia, com um papel fundamental no apoio às forças armadas britânicas. *Se ele não sabe, pensou ela, quem saberá?*

O átrio dava para um alpendre, onde lhe disseram para esperar à sombra de um pau-rosa filipino. Contento pela proteção contra o sol matinal, olhou em redor e tentou acalmar a respiração. Na parte da frente do relvado, um beija-flor voava sobre dois arbustos de perfumados hibiscos dourados. À distância, havia coqueiros que espreguiçavam os seus troncos altos até ao céu.

Tudo parecia errado. Era hora de levar as crianças à escola. Fechou os olhos e imaginou-se a levá-las. Mas sentia-se confusa. Algo a travava, como num pesadelo. Uma voz repetia, *onde estão as meninas? Onde estão?* Viu mentalmente os edifícios escolares e desejou que as meninas corressem sobre o cascalho à frente, com as mochilas a voar.

Das cozinhas chegava-lhe o aroma a pimentão. Sentiu um nó na garganta. Seria sexta-feira? Conseguir engolir. Fosse que dia fosse, não haveria boleia para a escola, e assim que caía o calor tornava-se impossível viajar sem carro. Olhou para o céu azul. O carro. Não inspecionara a garagem. Será que o motorista de Alec os tinha levado algures num carro oficial?

Quando ouviu passos, virou-se e viu aproximar-se uma mulher alta e de seios enormes: Harriet, equilibrada e confiante. Lábios cor de laranja numa cara rechonchuda cheia de rugas e de pó de arroz, cabelo preto pintado e amontoado livremente no topo da cabeça e, famosa pelas suas cores cítricas, só vestia seda. Hoje era verde e amarelo. Ainda que a descrição de Em fosse pouco lisonjeira, Lydia percebia por que razão a filha lhe chamava a matriarca.

— Lydia. Minha querida — disse a Sra. Parrott, estendendo a sua mão rechonchuda, com as unhas envernizadas num tom de tangerina. Esboçava um leve sorriso nos seus olhos perfurantes e negros.

Ciente de que era cedo, Lydia engoliu em seco, com um rubor profundo no rosto.

— Peço muitas desculpas, mas a linha telefónica não funciona — disse ela.

A Sra. Parrott inclinou a cabeça, pondo-se confortável numa grande poltrona de vime. Lydia sentou-se na ponta da sua poltrona de vime e respirou fundo.

— O Alec e as meninas não estão em casa. Não há lá nada. — A sua voz aumentou de volume enquanto apressava as palavras, e juntou as mãos para impedir que tremessem. — Vim de táxi. Peço desculpa por aparecer tão cedo. Não sei o que fazer. Uma vez que o George é o patrão do Alec, achas que ele pode saber alguma coisa?

Harriet ergueu as suas sobranceiras delineadas.

— Minha querida, não fazes ideia? Já foste à polícia?

Lydia abanou a cabeça, contendo as lágrimas.

— Devia ter ido ontem à noite, mas não me atrevi a sair de casa. Foi estúpido. Pensei que pudessem regressar.

— Talvez não seja preciso. O George deve saber. Ele e o Alec são unha e carne — Pegou na sineta. — Tens sorte. Ele hoje está a trabalhar em casa.

Volvidos uns minutos, o seu magro criado, chamado Noor, recebeu ordens para trazer o amo ao salão. Imediatamente.

Lydia olhou pela janela e rezou para que Harriet tivesse razão. Ouvia a voz grave de George a ecoar pelas paredes do corredor a partir do seu escritório. Lydia percebeu, inclusive de onde estava sentada, que ele estava aborrecido.

— Mas o que se passa, Harriet? Estou ocupado — disse ele, entrando no pátio, com o seu corpo quadrado a encher a soleira da porta.

Sem hesitar, Harriet apontou para Lydia, sentada a seu lado.

— A Lydia está desesperada por saber onde estão o Alec e as meninas.

Vestido com roupas tropicais, George virou-se para Lydia, com as suas densas sobranceiras que se juntavam ao meio. Tossiu, passou a mão pelo cabelo grisalho e coçou o queixo.

— Desculpa. Não vi que estavas aí.

Ela olhou para o suor que brilhava na pele por cima do seu lábio superior. Houve uma pequena pausa.

— Pensei que ele tivesse deixado instruções — disse ele, inchando as suas bochechas vermelhas. — Foi destacado para norte. Em Ipoh. Um trabalho algo urgente. O rapaz da administração financeira bateu as botas de repente. Acho que foi coração.

Ela suspirou, sentiu a sala à roda, levou a mão ao peito.

— Meu Deus. Obrigada. Isso explica tudo. Muito obrigada, George. Eu sabia que tinha de haver uma explicação. A nota dele deve ter-se perdido.

— O Alec partiu há uns dias. Talvez tenha deixado instruções no banco. Tu sabes, caso a casa fosse realocada antes do teu regresso.

Harriet anuiu.

— Isso faz sentido.

— As estradas para Ipoh são más — disse o George.

— É viagem para quanto tempo?

— Um par de dias de carro, dependendo das minas terrestres e tal. De autocarro é mais tempo, claro. Talvez seja melhor de comboio. Há uma formidável estação mourisca em Ipoh.

— Posso ligar ao Alec. Pedir-lhe que nos encontremos por lá.

— Não há telefones nem serviço postal que funcione naquele distrito. As linhas foram todas cortadas. Um caos terrível. Não é tão mau quanto chegar a Penang, mas... — Ele saiu dali a correr, balbuciando umas palavras para Harriet ao passar.

— Não me podes dizer a morada? — clamou-lhe Lydia.

Ele olhou para trás.

— Lá só há o albergue. Maior do que é costume, creio que com cerca de cinquenta quartos. É temporário, até lhes alocarem uma casa, mas ainda devem lá estar. É melhor que tenhas cuidado, a viajar sozinha durante a Emergência Malaia.

Enquanto ele se dirigia à porta, registou-se um momento de silêncio.

Harriet olhou para ela.

— Não te quero torturar, mas estás com péssimo aspeto. Um pouco menos Rita Hayworth do que te é habitual.

Lydia limpou a humidade da linha do cabelo e sacudiu com a mão as moscas que pousavam na sua pele. Aos 31 anos, era uma mulher bem-feita e vivaz, e sabia como dar nas vistas, mas, excetuando o cabelo, as semelhanças à estrela de cinema eram ténues.

— Uma velha amiga minha tem poliomielite. A Suzanne Fleetwood. Acabei de regressar. Detestei ter de deixar as minhas filhas por um tempo superior ao esperado. Na verdade, quase um mês, mas o marido dela está no Bornéu e ela não conseguia contactá-lo. Como sabes, ele trabalha para os serviços secretos.

Harriet atirou um olhar às costas de George, que desapareciam de vista. Lydia suspirou.

— Eu sei. É um segredo que mantenho fechado a sete chaves. O pior é que a vão enviar para Inglaterra num pulmão de aço.

— Uma grande chatice. Deves ter sido uma grande ajuda para ela. Mas agora já te sentes melhor, depois de saberes onde está a tua família?

Lydia arregalou os olhos.

— Ah, sim. Só que estou ansiosa por os voltar a ver.

— Já tomaste o pequeno-almoço?

Ela abanou a cabeça.

Harriet pressionou os lábios.

— Muito bem. Proponho que mandemos vir qualquer coisa. Sabes tão bem quanto eu que devemos manter-nos fortes neste clima horrível, ou então é o nosso fim. Eu que o diga.

Lydia ergueu as sobrancelhas.

— Oh, não foi nada em particular, mas se não cuidarmos de nós próprias, descarrilamos num ápice. Ora, que tal panquecas?

Sem vento que agitasse o ar, Lydia sentia-se húmida debaixo da roupa. Caminhava depressa, de cabeça erguida. Apenas umas pequenas nuvens distantes manchavam o horizonte limpo, sem qualquer sinal de chuva. Entrou num autocarro local para Malaca, avançando por ruas barulhentas onde, encurralado por becos estreitos, o ar se adensava com o cheiro a peixe frito e latrinas a céu aberto. Lutou contra a sensação de engasgo na garganta.

No banco, duas ventoinhas de teto sopravam ineficazmente o ar quente. Esperou na fila, sentindo um formigueiro no escalpe. Na casa dos Parrott não fizera caso, mas agora sentia-se nervosa com a viagem. Fez uma lista na cabeça. Horários dos autocarros, horários dos comboios, inspecionar a garagem, fazer as malas. Quão longe ficava Ipoh? Apenas se recordava que ficava no Vale de Kinta. A 200 quilómetros? Não. Talvez 300. Trezentos quilómetros de estradas provavelmente minadas. Além disso, se tivesse de ir de autocarro, demoraria dias a lá chegar.

Naquela manhã, no meio das pressas, não apanhara o cabelo. Com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, levantou umas madeixas pesadas de cabelo do pescoço e sacudiu os fios colados à cara. A maioria das mulheres inglesas optava por cortar o cabelo mais

curto; mas ela não. Símbolo de feminilidade, como costumava dizer a Irmã Patricia, mas as outras mulheres é que estavam certas; ela ia cortar o cabelo. Inclinou-se para a frente, flexionando os ombros de modo a libertar a tensão que se acumulava sobre eles.

Pensou nas filhas, imaginou-se no carro, à espera que saíssem da escola, a acenar repetidas vezes, a avançar disparada pelos caminhos ladeados de flores entre edifícios atarracados. Na banca improvisada do outro lado, vendiam-se, por um par de cêntimos, chupa-chupas espetados numa placa como bandeiras. Aqueles que ela lhes permitia comer todas as sextas-feiras. Não era só o açúcar o que a importunava, era a venda combinada de doces e jogos de azar, pois num ou dois chupa-chupas se escondia o prémio de uma nota de um dólar.

Ela abanava a cabeça. Não queria que aprendessem aquilo em tão tenra idade. Era preciso ter cuidado.

Por fim, chegou à parte da frente da fila. O jovem malaio, de cabelo sedoso e ondulado, sorriu-lhe.

— Preciso de levantar dinheiro — disse ela.

Ele inclinou a cabeça.

— Com certeza, minha senhora.

— Cartwright. O nome é Cartwright.

Ele virou-se para um conjunto de arquivos e, passado um momento, tirou um ficheiro.

— Creio que 50 dólares serão suficientes.

Ele atirou-lhe um olhar, curvando-se para estudar o documento.

Ela franziu a testa.

— Há algum problema?

— De acordo com o saldo, só restam 15 dólares na conta.

— Mas isso é ridículo — disse ela, com a cara a arder. — No último mês não estávamos nem perto do zero.

O homem apertou os lábios.

— O Sr. Cartwright veio cá há uns dias e levantou uma quantia elevada.

— Disse alguma coisa em relação ao motivo?

— Algo sobre uma viagem.

— Não deixou uma carta para mim?

— Lamento. Apenas disse que daqui em diante usaria um banco diferente. Deixou 15 dólares, e instruiu-me a fechar a conta após este levantamento.

Lydia inspirou fundo, e expirou lentamente pela boca.

— Não deixou mais instruções?

O homem abanou a cabeça.

Depois de se recompor, conseguiu controlar o temperamento. O mais importante era encontrar-se com as filhas. Mas só 15 dólares para chegar a Ipoh? A culpa não era do mensageiro, mas que raio se passava?



## 5

O pai disse-nos para esperarmos junto de umas escadas de metal no convés, enquanto ele descia para falar com um dos comissários de bordo sobre as nossas cabines. Eu fiquei quieta a escutar os sons.

— Chiu — disse à minha irmã, quando nos encostámos ao corrimão húmido e olhámos para as escadas. — Não os ouves?

A Fleur fez uma careta.

— Não.

Eu franzi a testa. Não era difícil ouvir passos que ecoavam nos salgados portalós lá em baixo.

— Este navio está assombrado — murmurei, fazendo uma cara assustadora. A minha irmã revirou os olhos e virou-se para outro lado.

— Desculpa. Anda, Pulguinha, vamos correr.

O nome preferido da mamã era Emma. Os seus brincos de lagarto tinham as letras E e M gravadas atrás. Era o meu nome, mas o segundo nome da Fleur também era Emilia, por vezes conhecida como Pulguinha da Areia, ou apenas Pulguinha por mim.

Corremos pelo convés a gritar uma para a outra, e quando ficámos sem fôlego, dobrámo-nos, com as mãos nas ancas. Em seguida,

levantámo-nos para olhar para o mar, quando o sol vermelho caía na água e o dia era engolido. Havia pontos cor-de-rosa e amarelos que balançavam na água, tão negra quanto alcaçuz, e o som de pássaros marítimos era transportado do porto para o nosso convés.

— Olha os marinheiros, a navegar em sampanas — disse eu.

— O que são sampanas?

— São barquinhos, sua tolinha. Não vê?

Guinchávamos quando eles se desviavam de barcos maiores para virem ao encontro do nosso navio, com os reflexos das suas lanternas a oscilarem na água. Havia homens que se levantavam e gritavam, depois passavam coisas em cestos grandes. Fomos admoestadas pelos marinheiros, mas não sem antes avistarmos brilhantes sandálias orientais e colares de contas. Para mim e para a Fleur, ao corrermos de um lado para o outro, o navio parecia uma terra de fadas, até que vimos o nosso pai.

— Não quero ser desmancha-prazeres — disse ele, a caminhar para nós. — Mas não podem correr dessa maneira aqui.

— Mas, papá!

— Nem mas nem meio mas, Emma.

— Nós não nos aproximamos muito — suplicou a Fleur.

— Boa tentativa, minha querida, mas não pode ser. Aqui, só com um adulto, sobretudo à noite. Nunca sozinhas. E pensei que vos tivesse dito para esperarem nas escadas.

— Não é justo — resmunguei, baixinho.

— Estou a falar a sério, Emma. Há muita coisa que pode acontecer.

Eu não disse mais nada, mas escutei vozes fantasmagóricas atrás das cadeiras do convés, e imaginei uma figura sombria vindo a ras-tejar para me derrubar. E se não fosse isso, o mar puxar-me-ia do convés para me levar ao local onde Orfeu dançou com as sereias. Foi na escola que estudei o Orfeu.

— Emma?

— Está bem.

Fomos atrás dele para dentro, mas fiz figas atrás das costas. Não conseguia evitá-lo. Eu amava o mar quando o mundo ficava roxo e depois um preto muito negro.

Guardando segredo, fingi que se tratava de uma aventura, e esperei que a Fleur adormecesse. Em seguida, escapuli-me da cabine, subi as estreitas escadas de metal para o convés e esperei até não haver ninguém nas redondezas. Atravessei o convés rumo a um dos barcos salva-vidas. Estava muito alto em relação ao convés. Encontrei um caixote que alguém lá deixara, pus-me em cima dele e icei-me para o barco, entrando de cabeça. Rebolei até ficar de costas e olhei para o céu. O ar ainda estava quente e já se viam as estrelas. Se me mexesse, o barquinho abanava, pelo que fiquei quieta, tal como o mar.

Trouxe-me à memória as vezes em que me deitava na relva do nosso jardim a olhar para as nuvens que voavam como bolas de gelo de limão. Tinha de memorizar o máximo que conseguisse, pois não sabia quando regressaríamos. Quando uma vozinha na minha cabeça disse *se voltares*, sentei-me a olhar para o mar. Abracei-me e inspirei profundamente o ar salgado. Queria saltar para o mar e nadar até onde estava a minha mãe. Mas o mar tranquilo transmitiu-me calma, e permaneci no barco salva-vidas até ficar com frio.

Às refeições, partilhávamos a mesa com o Sr. Oliver e a sua irmã. Chamava-se Veronica, e ele Sidney. A Veronica era alta e magra, quase tão alta quanto o meu pai. Vestia saias caras e macias, tinha caracóis loiros em canudos firmes, e uma voz calma. Acariciava o cabelo para o manter aprumado. Ambos tinham pele branca, como se tivessem vivido escondidos do sol malaio, ainda que as bochechas dela fossem rosadas, tão rosadas quanto as pequenas contas de vidro que usava ao pescoço. Parecia que gostava de nós, sobretudo do pai, a sorrir-lhe com os seus lindos olhos azuis e a rir-se das suas piadas.

O Sr. Oliver e a Veronica chegaram atrasados ao almoço, e estávamos sozinhos à mesa. Enquanto esperávamos, o pai contou-nos que ela tinha um apartamento em Londres, mas antes vivera num sítio chamado Cheltenham, não muito longe do local para onde íamos. Ele disse que a história dela era infeliz, e que devíamos ser simpáticas com ela. Não tinha filhos, e o marido fora mestre-escola, um homem que morrera de uma doença chamada cólera.

— O que é cólera? — perguntei. — Faz saltar os olhos?

Ele suspirou profundamente.

— Não, Emma, não faz. Apenas nos deixa muito cansados e pálidos até piorarmos.

— E depois morre-se.

Ele assentiu com a cabeça.

— Provavelmente.

Ao fundo, escutava-se a voz de Doris Day, que cantava uma das músicas preferidas da minha mãe: *Secret Love*. Senti-me triste quando pensei no rosto oval e nos olhos brilhantes da mãe. A cor de avelã era matizada com verde e azul, como a cauda de um faisão-de-palawan, e tinha uma sobrançelha um pouco mais elevada do que a outra. Eu gostava de ficar sentada a vê-la tentar nivelá-las. Nunca conseguia.

O almoço era uma refeição malaia, com o doce cheiro a folhas de combava, que eu adorava. A mesa de sobremesas não era grande coisa, mas não deixei de comer demasiados pêssegos Melba e fiquei com dor de barriga. Perguntei ao papá se podia sair da mesa e ir deitar-me na cabine.

A Veronica sorriu para ele. Com um bronzeado próprio de quem passa muito tempo ao sol, o pai tinha as linhas do rosto vincadas e, de certo modo, a pele seca, e usava óculos redondos com aros de tararuga. Reparei que fizera um esforço maior do que o habitual para parecer inteligente.

— Eu tomo conta da Fleur, se quiseres — disse a Veronica, com uma voz animada. — Assim a Emma pode dormir sem ser perturbada e acordar a sentir-se melhor.

Na cabine, deitei-me em cima da colcha de algodão azul com os ouvidos a zumbir. Estava na cama de baixo do beliche, a da Fleur, pois não queria subir o escadote com dores de estômago. A nossa minúscula cabine tinha um cheiro rançoso e salgado. Ouvia-se o zumbido do barco e as ondas que batiam contra as partes laterais. Fechei os olhos e o barulho do motor adormeceu-me rapidamente.

Um pouco mais tarde, alguém bateu à porta e acordou-me, e o Sr. Oliver entrou. Presumi que o pai o tivesse enviado para ver como é que eu estava, ainda que tivesse ficado surpreendida com a sua aparição, em vez da sua irmã.

Ele sentou-se à beira da cama, sem fôlego e a arfar.

— Chega-te um bocadinho para lá, meu amor — disse ele, com um grande sorriso.

A cara dele estava tão próxima que lhe via as microvarizes vermelhas no nariz.

— Fecha os olhos, querida — disse ele, começando a afagar-me a testa com brandura. Esqueci-me de que era ele e de início foi agradável. Lembrava-me a mamã. Mergulhei num sonho algo doentio. Tinha imensas saudades dela e o pai não dizia quando voltava. Mas depois tive uma estranha sensação na barriga e nas pernas. Havia algo que não batia certo, e soltei o ar dos pulmões quando o Sr. Oliver me deixou sozinha.

Quando entrámos na Baía da Biscaia, nuvens prateadas percorriam o céu a grande velocidade e, ao almoço, o barco ondulava. O Sr. Oliver sentou-se junto a mim, e pousou, debaixo da mesa, uma mão suada na minha coxa nua. Não gostei. Afastei o meu corpo do dele, e puxei a cadeira para trás. Ele piscou-me o olho e senti as bochechas a arder. Estavam todos ocupados a falar do tempo, pelo que ninguém viu a minha cara.

Depois do almoço, fiquei no convés para ver o mundo escurecer. Para minha sorte, o Sr. Oliver não era bom marinheiro, sendo o primeiro a desaparecer para a cabine. Depois a Fleur estava maldisposta, pelo que o pai e a Veronica também a levaram. O pai disse-me para os seguir, mas sentia-me melhor assim, sozinha. E ainda bem. A água saltava cada vez mais alto, o convés estremecia e agitava-se, e até alguns dos marinheiros ficaram enjoados.

Encontrei um equilíbrio, adaptei-me ao mar, e guinchei quando enormes ondas atacaram o convés, derrubando-me de um lado para o outro. Ouviam-se os grasnidos dos pássaros, o vento rugia, e esqueci-me da mão quente do Sr. Oliver, e também que deixáramos a minha mãe para trás. Fiquei no exterior para inspirar golfadas de ar com cheiro a sal, e depois percorri os corrimões encrostados com a mão e lambi os cristais da ponta dos dedos. Sabiam tão a peixe e a sal como cheiravam.

\* \* \*

O resto da viagem passou depressa, e no último dia acordei antes de haver luz. Subi para uma cadeira e espreitei pela vigia do camarote, conseguindo vislumbrar uma forma longa e escura no horizonte. Foi a primeira vez que vi Inglaterra. Mais tarde naquela manhã, quando o barco atracou, subi a correr as escadas adentro do convés escorregadio. Olhei durante um minuto para o céu claro. Em seguida, fechei os olhos, rezei pela minha linda mãe, soprei-lhe um beijo através do mar e pedi-lhe que voltasse depressa.

Na doca de Liverpool havia uma multidão a bloquear a passagem e um cheiro gorduroso no ar. Homens com bonés de pano amarravam cordas à volta de pesados cabeços de metal no cais, e o ar enchia-se do som estridente de sinos, rodas, vendedores de jornais e caixotes que embatiam no chão. Ouvia-se, acima de tudo, pessoas aos berros. Tínhamos de nos afastar delas, pois ninguém nos via no meio daquela neblina. *Smog*, como chamava o pai.

Senti-me muito pequena, e respirei fundo enquanto esperava, como se o futuro risonho que o pai prometera estivesse ali à minha espera. Não estava. Cheirava mal, estava frio e cinzento. Só então soube o que era o cinzento, e quis dar a mão à minha mãe, para que ela me sorrisse e dissesse: «Vai correr tudo bem. Acredita em mim.»

Quando me viu com um ar transtornado, o pai disse-o, de facto, mas não era a mesma coisa.

Tivemos de nos despedir da Veronica e de um Sr. Oliver com ar nauseado. Estiquei a cara para os beijar e, assim que o fiz, corri pela borda da doca. Era um dia gélido de fevereiro, e a corrida aqueceu-me.

— Não te aproximes demais — gritou o pai.

Não me afastei muito. Doíam-me os pés. Eu e a Fleur costumávamos brincar de chinelos ou descalças, com o pai a rir e a chamar-nos selvagens. Agora tínhamos sido forçadas a calçar sapatos castanhos com uma presilha e um botão. E meias altas que faziam comichão. Ambas nos queixámos alto e bom som, ainda que exibíssemos os casacos vermelhos que a mãe preparara para a próxima saída de casa. Só me lembrava de uma saída, que me deixou com uma ideia distorcida deste sítio chamado Inglaterra.

Pensar na mãe era como uma faca no meu coração.

Até então, o pai não dera explicações para o seu atraso, mas eu voltei a perguntar junto à doca.

Ele tirou os óculos, limpou-os com a manga, encheu as bochechas de ar e disse:

— De momento ela não está cá. Lamento, mas não posso dizer mais.

— Mas quando é que vem?

— Não sei, Emma.

— Deixaste-lhe a carta que lhe escrevi?

— Claro que sim.

Pensei que era provável que a minha mãe tivesse ficado retida. Quiçá o pai não diga para não ter de prometer algo que possa não vir a realizar-se. Mas isso não pôs freio à minha imaginação. Via a minha mãe onde quer que fôssemos. Inclusive na grande e fria sala onde esperávamos por um porteiro, onde o cheiro a fuligem e fumo nos fazia arder os olhos. Ainda que a mamã não estivesse mesmo lá, imaginei uma linha fina que serpenteava até ao outro lado do mundo. Era o fio invisível que se estendia de oeste para este e depois de volta; uma ponta anexada ao coração da minha mãe e a outra ao meu. E eu sabia que, acontecesse o que acontecesse, esse elo não seria quebrado.

## 6

**L**ydia olhou para trás à passagem de um jipe com polícias malaios de uniforme cáqui, armados com metralhadoras. Desde que o Alto-Comissário britânico, Sir Henry Gurney, tinha sido assassinado por guerrilheiros do MNLA, em 1951, ninguém se sentia seguro. Levou uma mão à garganta e depois bateu à porta da moradia de Cicely, um belo edifício rosa-claro com janelas em arco decorativas e uma passagem colonada por baixo, e digno representante da arquitetura portuguesa. Momentos depois, foi levada até uma arejada sala nas traseiras, pintada de azul-claro, onde passava uma corrente de ar que aliviava o dia tórrido.

Andava às voltas pela sala quando Cicely entrou, de braços abertos, com as unhas a cintilar um rosa-choque a condizer com o seu vestido curto.

— Querida. Mas que prazer inesperado — disse Cicely, baixinho, alongando as vogais.

Apresentava uma beleza elegante, com um ondulante cabelo platinado, um leve bronzeado e lábios cor de ameixa. Sentou-se, dobrando os seus longos membros, com um aborrecimento implícito.



Do seu pé pendia um sapato de couro tingido com um tacão alto e finíssimo.

— Peço desculpa... mas preciso da tua ajuda. É tudo muito estranho. — Lydia hesitou e endireitou as costas, tentando encontrar uma maneira de o dizer sem suscitar piedade.

Cicely arqueou lentamente uma sobranceira. Nenhuma delas era do género de esposa colonial absorvida por distúrbios gástricos ou de andar em mexericos domésticos, e fora inevitável que se tivessem tornado amigas.

Lydia resistiu ao impulso de aprumar o cabelo e forçou-se a falar.

— Desculpa por ter de te pedir isto, mas podes emprestar-me algum dinheiro?

Os olhos reluzentes da amiga, algures entre o topázio e o verde-esmeralda, resplandeciam de deleite.

— Oh, querida, mas que raio aconteceu?

Lydia prosseguiu com cautela. Cicely não era propriamente maliciosa, mas estava, segundo Alec, cativa num casamento sem amor, e vivia com as histórias dos casos amorosos do marido. Houve uma pausa. Somente o zumbido da ventoinha agitava o ar, enquanto Lydia equacionava quanto deveria revelar.

No velho bairro chinês, acotovelaram-se pela corrente de gente e esquivaram-se a um exército de riquexós puxados por bicicletas. Cicely levou-a por um mercado clandestino, onde jogadores de *mah-jong* juntavam um coro tiquetaqueante ao canto de pássaros azuis-claros em gaiolas de bambu.

Cicely acenava e sorria, confraternizando com lojistas chineses e vendedores de rua malaios. Parou junto a um balde com caranguejos vivos, e deparou-se com pacotes de comida. Lydia arregalou os olhos, com plena consciência do cheiro azedo que vinha dos esgotos.

— Querida, tens de provar isto. Deveras delicioso. — Cicely sorriu, e enfiou um bocado de caril de folha de bananeira na boca de Lydia. — Vá lá, meu doce. Vai correr tudo bem. Preocupas-te demais, embora não consiga perceber por que razão o Alec não te deixou dinheiro suficiente para ires ter com eles. Que grande merda.

Ao fundo de um beco, ao lado de cartazes sinistros que publicitavam cigarros *Lucky Strike*, Cicely parou em frente de uma loja com um dragão pintado numa placa vermelha pendurada. Encostou-se ao batente da porta com uma sensualidade graciosa, ignorando o rígido guarda lá sentado com uma caçadeira ao colo.

— Aqui estamos nós — disse ela. A sua estreita cara esparramou-se num grande sorriso, com a fila única de pérolas ao pescoço a brilhar.

Na porta ao lado havia um ervanário e encantador de serpentes. Estava à frente da loja. Era um indiano corpulento que mascava bétel. Lydia olhou para os cestos das serpentes.

— Não te preocupes, querida. — Cicely riu-se e abriu a porta. — Até ao pôr do sol, as cobras estão sempre a dormir.

Dentro da loja, Lydia tapou o nariz, mas cheirava apenas a incenso barato e óleo de coco. O chinês atrás do balcão vestia um traje vermelho bordado e aquilo que parecia um olhar hostil. Os olhos de Lydia dirigiram-se a Cicely que, sem pestanejar, esvaziou um saco de braceletes de pingentes, brincos de ouro e meia dúzia de colares.

Escorria suor pela testa de Lydia, e ela sentia-se a ruborizar.

— Mas isto são joias verdadeiras.

Cicely encolheu os ombros e apertou-lhe a mão.

— É quase só quinquilharia chinesa. A sério. Não te preocupes. Olha, e tens fotografias das tuas encantadoras meninas?

Lydia inclinou a cabeça, pôs a mão na sua atolada mala e tirou uma bolsa. No interior, estavam duas pequenas fotografias, uma de Emma e outra de Fleur, tiradas numa cabine fotográfica no jardim zoológico. Olhou para Fleur, atenta ao horizonte, e para os olhos sérios de Alec, e depois para o sorriso torto de Em. A foto revelava o nariz direito e a cara angular da filha mais velha, mas não conseguia captar os seus sorridentes olhos azul-turquesa, e o sol que brilhava por entre o seu flamejante cabelo encaracolado. *Não mostra quão alta é para a idade, nem quão inteligente*, pensou ela, com orgulho.

— Está muito crescida — disse Cicely.

— Quem?

— A Emma, claro. A Fleur é mais bonita, mas quase não fala.

Lydia pensou na filha mais nova e ficou assustada. Desde a pneumonia, Fleur ficara mais reservada do que nunca.

— Ela fala, mas a Em adora palavras. Aos 3 anos fingia que sabia ler.

— Parece ter mais de 12 anos.

Lydia piscou os olhos.

— Quase 12 anos.

Cicely pôs-lhe uma mão reconfortante no ombro.

— Isso — disse ela, tirando do balcão um medalhão numa corrente de prata. — É uma prenda minha. Neste país é mais seguro usá-lo à volta do pescoço. E tem cuidado com o dinheiro. Não te preocupes, em breve voltas a estar com elas. E com aquele teu marido franzino.

Lydia assentiu com a cabeça, incapaz de identificar a fonte da sua inquietação. Não gostava de se separar das filhas, nunca, e os perigos de uma separação durante a Emergência Malaia eram assustadoramente evidentes. Mas haveria mais do que isso?

— E depois vais ansiar por um bocado de paz e sossego. Não sei como o fazes. Isto é, ser mãe.

*Eu amo-as, pensou Lydia, eis como.*

— E o Jack. Como te sentes em relação a ele?

Lydia sentiu-se a ficar corada, e afastou o desejo de se libertar do fardo dos seus sentimentos essencialmente não reconhecidos.

Cicely estreitou os olhos.

— Bom, nunca poderia ser mãe. Agora vamos cortar esse cabelo.

Finalmente, uma chuva repentina fez salpicar água das sarjetas, não o suficiente para arrefecer aquele ar pegajoso, mas o bastante para a refrescar. Tentou afastar as buganvílias roxas molhadas que invadiam a porta da garagem. Tudo crescia tão depressa. A porta rangeu quando a abriu, e viu a forma sólida do *Humber Hawk* lá estacionado. Olhou para dentro, relaxou um pouco. As chaves ainda estavam na ignição. Alec pelo menos deixara o carro. Sentou-se no lugar do condutor para verificar a gasolina.

No seu quarto, não demorou muito a arrumar umas roupas práticas num par de bolsas de viagem. Enquanto despia o seu vestido

húmido, deixou-se abalar pelo vazio reinante. No silêncio, fungou o ar. Faltava-lhe aquele cheiro habitual a verniz, e agora que ninguém lá estava, deixara de cheirar a lar. Tocou na seda dos seus vestidos indianos, feitos por si própria em inesperadas combinações de cores: rosa e laranja, verde e azul-faisão, vermelho com preto. O seu estilo de vestido preferido tinha um toque oriental, mas decidiu-se por um sensato vestido azul-marinho, menos provável de mostrar a sujidade. Deixou os vestidos indianos, mas arrumou dois vestidos de noite com lantejoulas, bons demais para deixar para trás.

Enfiou o caderno de Emma na mala. Sentia tanta falta das suas meninas: o seu toque, o seu cheiro. Sentia um formigueiro na pele, em jeito de antecipação, mas resistiu ao desejo de ler o caderno. Em breve se encontraria com as filhas.

Na entrada, algo não batia certo. Havia sinais de vida. Talvez George estivesse enganado e Alec tivesse, afinal de contas, vindo buscá-la. O coração batia-lhe forte. Talvez apenas tivessem ido à ilha e ainda não tivessem partido para Ipoh. Imaginou as águas esverdeadas da ilha, as brisas salgadas e o óleo de limão com que besuntava a pele das crianças.

Houve uma sequência de sons vindos da cozinha: alguém a fungar, um soluço abafado, e o som de Chinês falado depressa. Portanto, um dos criados. Avançou para a cozinha e abriu a porta, escondendo os olhos dos raios solares do início da tarde, tão afiados quanto facas.

Ao canto, uma rapariga franzina de traços delineados, cabelo negro atado em cima e uns assustados olhos em forma de amêndoa, estava sentada de pernas cruzadas no chão. Um menino, também de cabelo liso chinês, estava sentado ao colo da rapariga com a cara escondida no seu peito. Com umas calças azuis folgadas, descalço e com uma pulseira de contas num tornozelo, parecia subnutrido. Lydia olhou para eles, com a certeza de que outrora vira a rapariga sair da casa deles.

— Minha senhora. — A rapariga levantou-se, com um poço de tristeza nos olhos. — Sou a Suyin. Este menino da minha irmã.

*Há algo de familiar*, pensou Lydia, enquanto ajustava a túnica reluzente da rapariga.

— Como se chama o menino?

— Maznan Chang, minha senhora. Esteve hospital. Não poder ir para casa. Por favor, ele ir consigo.

Lydia olhou para o relógio, mas a rapariga, rígida e pálida, atirou-se de cabeça à súplica.

— Selva não segura para ele. Eles fazer-lhe mal.

O menino levantou-se, e levantou a camisola para revelar um vergão vermelho na parte lateral. Lydia reparou que, para além de estar magríssimo, estava também sujo, e a lesão era obviamente recente.

— Ele ajudá-la, minha senhora. Ele falar malaio e chinês.

— Parece tão novinho.

— Ter 7 anos, pequeno para idade.

O menino virou os seus olhos lacrimejantes para Lydia, e esboçou-lhe um sorriso cauteloso. Ela ficou surpreendida. Bonito como uma menina, tinha uma cara achatada e um nariz malaio de narinas grandes, mas olhos claros, e uma pele com um toque de âmbar, mais clara que a maioria dos malaios. Só o cabelo parecia chinês. Voltou a sorrir, exibindo uma fileira de dentes uniformes.

Lydia ponderou bem a situação, afastando o laivo de ansiedade quanto ao atraso. Passou-lhe pela mente uma imagem de Emma e ouviu a voz da filha como se estivessem na mesma sala. *Despacha-te, mamã. Ainda não estás cá?! Tenho uma nova história para te contar.* Fechou os olhos e sentiu um aperto no coração.

— Minha senhora? — disse a rapariga, interrompendo-a.

— Porque é que ele não está seguro? — perguntou a Lydia.

— A mãe dele. Ela fugiu para dentro. — A rapariga esperou por uma reação antes de voltar a insistir. — Ela na selva, minha senhora. Se não vierem buscá-lo. Os outros levam-no próxima vez.

Foi então que lhe caiu a ficha. A mãe da criança terá fugido para se juntar aos rebeldes comunistas.

— Que outros?

A rapariga parecia envergonhada.

— Os brancos, cabelos vermelhos. Por favor. Leve este menino para aldeia de realojamento, ou até aldeia malaia. Eles cuidar dele.

Lydia hesitou.

— E a polícia?

A rapariga enrolou o lábio e cuspiu no chão.

Lydia sentia-se dividida. Precisava de se encontrar com as filhas, continuar antes que o dia chegasse ao fim. Mas depois imaginou se fossem elas que estivessem sozinhas e dependentes da bondade de um estranho.

— Está bem — disse ela, tomando uma decisão brusca. — Eu levo-o. Qual é a sua morada? E o nome do sítio para o levar?

Ela olhou para a cara magra da rapariga. Foi então que se lembrou.

— É a filha do motorista?

A rapariga assentiu com a cabeça.

— O seu pai não pode ficar com ele?

A rapariga abanou a cabeça e Lydia viu ansiedade nos olhos dela.

— O seu pai levou o meu marido para Ipoh?

A rapariga abanou a cabeça.

— Meu pai doente.

— Bom, dê-me a sua morada, para eu lhe dizer o paradeiro do menino.

A rapariga deu um passo em frente, segurou o menino por uma mão e colocou a outra na mão de Lydia. Agachou-se e, novamente num Chinês veloz, falou ao ouvido dele. O menino abanou a cabeça, com o cabelo a agitar-se à volta da cara. A rapariga endireitou-se, deu meia-volta, apressou-se à porta, ganhou velocidade ao longo da passagem coberta e fundiu-se com a erva alta.

Lydia chamou-a, mas a rapariga já havia partido. Suspirou e olhou para o menino. Os olhos dele eram quase iguais aos de uma criança europeia. Estaria mesmo em perigo? Veio-lhe à mente uma imagem do orfanato. O impiedoso edifício cinzento nos arredores da cidade. Se os rumores de negligência eram verdadeiros, não era sítio para aquele menino. A ideia de as suas filhas irem para lá fê-la suster a respiração.

Ele olhou para cima, e rezou as contas em Malaio: *Satu, dua, tiga, empat, lima.*

Ela expirou lentamente. *Pobrezinho*, pensou ela, *que raio devo eu fazer com ele? Não tem ar de quem se adapta em lado algum.*

Veio um barulho da garagem que lhe captou a atenção. Raio dos gatos. Levantou o menino e beijou-o na cabeça. Voltou a olhar para o relógio. Como passara tanto tempo? Ambos precisavam de tomar banho e comer alguma coisa. Em seguida, pôs o menino na cama de Emma, tentando ela própria dormir um pouco antes do raiar do dia.

## O que acontece quando mãe e filhas são separadas?

Malásia, 1955. Lydia Cartwright regressa a casa, onde apenas o vazio a espera. Os criados, o marido e, o pior de tudo, as filhas foram-se embora sem deixar rasto. Desesperada e sem rumo, ela contacta o patrão do marido à procura de pistas. *Eles estão bem, diz-lhe. Estão noutra região do país.* Mas algo não bate certo. Porque é que não esperaram por ela? Porque é que não lhe deixaram uma carta a explicar a mudança?

Seguindo a sua única pista, Lydia embarca numa perigosa viagem por um país em guerra. E é então que, enquanto atravessa a selva minada de grupos de guerrilheiros, se vê forçada a pedir ajuda a Jack Harding, o homem que amou no passado e que abandonou.

Com o coração de mãe apertado, Lydia sabe que terá de sacrificar tudo para reencontrar as filhas. Mas será que está preparada para a terrível traição que a aguarda e para as consequências devastadoras?

**O relato comovente de uma família dividida pela mentira,  
e de como o amor de uma mãe ultrapassa a barreira  
do tempo e atravessa continentes.**

**LEIA TAMBÉM  
A HISTÓRIA TOCANTE:**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-27-2



Romance Histórico